

15

para água e para cozinhar, pratos e colheres de madeira, pilões de madeira, cestos e pedras para moer arroz, mapira, etc.

Alimentação

A alimentação dos indígenas é quasi sempre preparada pelas mulheres.

As suas principais refeições compõem-se de farinha de milho, mapira, mexoeira ou arroz cozido em água, a que adicionam azeite de amendoim, mafurreira, gorgelim ou azeite de côco. Como condimentos, sal, piripiri, algumas vezes cebola e mangas secas.

Temos ainda a farinha de mandioca, mandioca assada ou cozida, o feijão, a abóbora e a batata doce, servindo também as folhas destas últimas para *caril* ou *quissau* (1). O peixe fresco ou seco, o marisco, carne de caça e a de animais domésticos são artigos de alimentação largamente apreciados pelos indígenas. Nem todos os indígenas comem as mesmas coisas, especialmente quando se trata de animais bravos. Assim, por exemplo, só os *sòopes*, *lomués*, *maraves* e os *macuus* do interior comem carne de crocodilo, cobras, lagartos, leão e leopardo. Os *barongus* são de todos os indígenas desta Província os mais escrupulosos na escolha dos alimentos, o que não impede ainda assim que comam várias coisas que repugnam aos europeus.

Em geral os indígenas não criam os animais domésticos com o fim de os destinarem à sua alimentação, mas qualquer animal que morre por doença é completamente aproveitado por eles.

O cão e o gato domésticos, a hiena e algumas aves de rapina são rejeitados pelos indígenas.

Costumam os indígenas lavar as mãos antes de começar a comer. Comem só com a mão direita, a que chamam a *mão de comer*.

Os homens e rapazes, até uma certa idade, não comem juntamente com as mulheres, que comem separadamente com os filhos mais pequenos.

O indígena não julga o sal dispensável e vai bastante longe para o obter. Nas suas viagens faz-se acompanhar duma provisão de mandioca e de maçoço de milho ou de amendoim torrado.

Em anos de longa estiagem, o indígena recorre aos frutos silvestres, raízes e tubérculos que se encontram no mato, a que não dão grande aprêço, mas que são obrigados a comer para não morrerem de fome.

Divertimentos

Danças. — Por *batuques* (2) designam os europeus qualquer dança a que os indígenas se entregam para se divertirem. O termo empregado é, porém, pouco correcto na sua applicação à Província de Moçambique, por ser vocábulo inteiramente estranho aos dialectos nela falados. Todas as danças têm os seus nomes próprios, e alguns são absolutamente diferentes de tribo para tribo, havendo ainda a acrescentar o facto de algumas danças não constituírem propriamente um divertimento, mas sim um preceito ritualista.

Entre os *barongus*, a dança mais importante é o *msingula* ou *gila*, de origem zulo. Os indígenas formam um círculo e, acompanhando os cantos, batem com os pés no chão, ao mesmo tempo que com os machadinhos, zagaias, cacetes e escudos de que estão armados fazem gestos de arremesso a um inimigo imaginário. Em frente, as mulheres cantam também. Para estas danças, quando organizadas a convite de qualquer chefe indígena ou de alguma autoridade, os indígenas vestem-se a capricho. Além das armas, levam na cabeça tufos de penas pretas de avestruz, rabos de boi nas pernas e nos braços, e panos de diferentes cores. Estas danças são anunciadas na véspera ou com alguns dias de antecedência por meio de repetidos toques nos cornos de boi ou de *pala-pala* (*sable antelope*).

Nalguns grupos *rongas* há ainda o *mokokute*, dançado por um só individuo. É uma dança de saltos, contorções e esgaros ao som dos tambores, nada tendo de interessante. A mesma dança existe para mulheres.

(1) Ambos os termos são de origem asiática. Por *caril* ou *quissau* entende-se qualquer molho que se adiciona à farinha, espécie de condimento que serve para temperar a comida.

(2) A palavra *batuque* deve ser derivada do português *batucar*, *martelar*, dar pancadas repetidas. Nas margens do Zambeze ainda hoje aos tambores se chama *batuques*. No Brasil, as danças dos pretos se applicava igual designação.

Dança de mulheres temos também o *chigombela* ou *guidadala* (*guitonga*). As mulheres formam em círculo, batendo palmas, e, cantando, uma a uma vão saindo do círculo até o centro, levantam uma perna e voltam ao seu lugar, ou então chegam-se até o pé duma outra figurante que a substitui vindo até o centro.

Os *batongas* têm ainda a *massava*, cujo nome provém dum pequeno instrumento, feito com um pedaço de cana, chamado também *massava*, e que se toca nesta dança, a qual é composta por dois círculos concêntricos, o interior formado pelos homens e rapazes e o exterior pelas mulheres, e que, ao compasso da música, se movem em sentidos contrários. Esta dança é acompanhada, além das *massavas*, por tambores e duas ou três marimbas, e ainda por *maguzas*, frutos secos duma espécie de palmeira brava com as respectivas sementes. Presos às pernas dos rapazes, quando estes batem com os pés no chão, as sementes soltas produzem um ruído excitante que mais anima a dança.

Há poucos anos havia ainda no distrito de Inhambane entre os *batongas*, régulos Nhanela e Mabelana, algumas danças especiais de homens e de mulheres em que, depois de vários cantos, imitavam com as pessoas do seu sexo actos sexuais.

Temos no Sul ainda o *lifolo*, dança *shope*, com acompanhamento de marimbas. Os indígenas formam também um círculo defronte da parada de marimbas, armados e enfeitados como os *batongas* no *msungola*. Principiam por cantar e depois, batendo com os escudos no chão, começam uma série de saltos e gestos simulando combater um inimigo. Alguns deitam-se no chão, fingindo-se mortos, e então algumas mulheres aparecem fingindo procurar os seus parentes.

No distrito de Tete há uma imitação do *chigombela* a que ali chamam *shivuvuri*, apenas com a diferença que nesta dança entram homens e mulheres simultaneamente e ao centro está sempre um par.

Temos também o *metepa*, dança igual ao *mokokate*.

Há ainda as danças rituais da *nbuta* e da circuncisão, referidas noutros capítulos.

Música. — Temos em primeiro lugar os tambores de tamanhos diversos, comuns a todas as tribos. São troncos de árvore cavados no centro, com uma pele de boi a cobrir uma das aberturas, destinada a produzir a ressonância quando tocada por uma ou duas baquetas.

Há também o *spandine* e *ligulo* (*rongas*). Compõe-se o primeiro de um arco com arame tendo ao meio presa uma cabaça vazia. Toca-se com um caniço batendo no arame. O segundo instrumento é mais pequeno e é tocado com os dedos, encostando-se o arame à boca.

Os *batongas* só têm a *massava*.

Temos depois o mais engenhoso instrumento usado pelos indígenas de Moçambique: a *marimba*.

A marimba compõe-se de pequenos pedaços de madeira, ligados uns aos outros por tiras delgadas de couro. Debaixo de cada pedaço de madeira, duas cabaças, uma grande e outra mais pequena, unidas com cera, em forma dum 8. As cabaças maiores são de diversas dimensões, para corresponderem à escala musical. Nas cabaças pequenas, os buracos são cobertos com umas películas muito finas, extraídas dos intestinos de uma espécie de porco da Índia a que os indígenas *bashopes* chamam *beba*, que se encontra nos terronos pantanosos ou alagados, ou, na falta deles, películas tiradas das asas dos morecos. Estas películas são artigos de comércio. Tanto as cabaças como os pedaços de madeira ficam colocados numa armação de madeira que permite aos indígenas transportarem a marimba sem grande risco. As marimbas são tocadas com duas baquetas de madeira e cabeças de borracha (1). A marimba tem em geral dez pedaços de madeira, que correspondem a dez notas e às duas escalas maior e menor. As marimbas que têm apenas três ou quatro pedaços de madeira de maiores dimensões, servem só para acompanhamentos. O ritmo e o compasso com as danças são bem marcados. Em regra só tocam músicas indígenas, o que não quer dizer que não possam tocar outras.

Em geral cada régulo *shope* tem a sua orquestra, composta, em média, por dezasseis ou dezassete marimbas de tamanho vulgar e três ou quatro grandes para acompanhamento. Cada orquestra tem o seu maestro, encarregado da parte musical, e outro dirigente encarregado da dança.

Há ainda pequenas flautas, muito usadas pelos rapazes e comuns a todas as tribos, de que se tiram magníficos sons. Nalgumas regiões dos territórios da Companhia de Moçambique, Mossuriso, Gorongosa, etc., têm os indígenas um instrumento cuja composição é a seguinte: Num pedaço de madeira quadrangular e escavado colocam um certo número de lâminas metálicas de diversas dimensões, recurvadas, que eles fazem vibrar com o polegar e o indicador da mão direita.

(1) Borracha landófia.

Entre os *sengas* existe o *nhanga* ou *murumbi*, instrumento no mesmo género da *massava*, composto por pedaços de caniço de diversas dimensões (1).

A *viela* é um instrumento usado pelos *macuas*. Do centro duma cabaça óca, cuja abertura é coberta por uma pele, sai uma haste de madeira ao longo da qual estão presas três cordas.

Este instrumento é tocado à semelhança de qualquer outro instrumento de corda de origem europeia.

Jogos. — O mais importante é sem dúvida o *tshuba*, *suva*, *sun*, *oro* ou *fuba*, etc.

No chão, em duas filas, com quatro carreiras de 8, 12 e 16 pequenas covas, nestas se colocam duas pedras ou sementes por cada uma. Eis como é descrita a marcha do jogo entre dois jogadores (2):

1.º Mostra-nos os dois jogadores prontos para começarem, tendo já ocupadas as suas dezasseis covas. A deve seguir sempre a direcção 4, 3, 2, 1, 5, 6, 7 e 8 e B 1, 2, 3, 4, 8, 7, 6 e 5.

2.º B sai. Tira as duas bolas da cova 6 e coloca uma na 5 e outra na 1.

3.º Continua tirando bolas de uma cova e pondo-as sempre, uma por uma, nas outras covas, até que a última alcance uma cova vazia. Assim, escolhe as três que estão em 1 e põe uma em 2, outra em 3 e ainda uma outra em 4.

4.º Escolhe as três bolas que estão na cova 4 e distribui-as por 8, 7 e 6. A última, tendo alcançado uma cova vazia, fê-lo ganhar; ganha e deita as bolas de A nas covas 6 e 2, que ficam opostas à cova alcançada. Além disto tem o direito de matar outra cova pela tomada do seu conteúdo. Escolhe a cova 1. Representa a tomada regular (ganha) por um ponto preto, e o suplementar (morte) por uma cruz sobre a cova. Tendo batido pára e A sai.

5.º A sai da cova 5, toma duas bolas, pondo uma em 6 e outra em 7.

6.º Toma as três bolas em 7 e distribui-as pelas 8, 4 e 3.

7.º Toma as três da 3 e põe-as em 2, 1 e 5. «Bateu». Ganha as três da cova 5 de B, cova oposta que é alcançada. Além do que, toma e «mata» as três que estão na 8.

8.º B toma a sua vez. Parte do 2 e alcança com a sua última bola a 8: a 8 estava vazia. Assim ele tira as três bolas da cova do seu adversário e as três da 4. Mata além disso uma singela na 2.

9.º A tem agora apenas três bolas restantes, uma em 1, outra em 5 e outra em 6; sai desta última, põe uma singela na 7 e tira as das 7 e 3 de B. Em seguida «mata» a 6.

10.º B muda a sua bola da 8 para a 7; levanta a 7 e ainda «mata» a 1!

11.º A sai com a sua última bola da 5 para a 6. Mas não havendo lá nada contra, nada tira, nada mata!

12.º B muda do 7 para 6. Tira a última bola de A e é por esta forma batido.

Todos os outros jogos que servem de passa-tempo aos indígenas se assemelham muito a aqueles a que se entregam as crianças na Europa, como sejam o jogo das cinco pedrinhas, uma imitação do jogo do *croquet*, o jogo da malha, etc.

Homenagens, saudações e juramentos

Homenagens e saudações que os indígenas trocam entre si e as que prestam ou dirigem aos régulos ou aos brancos:

Entre os indígenas do sexo masculino, aqueles que mais têm convivido com os europeus, imitam estes, apertando as mãos ou os polegares.

Quando chegam a uma povoação sentam-se sobre os calcanhares ou cruzam as pernas e batem palmas.

Diante dos régulos fazem o mesmo, e nalgumas regiões ainda se ajoelham diante deles, batendo palmas também. As mulheres ajoelham-se sempre.

Quando passa um branco, os mais civilizados fazem uma espécie de continência e tiram o chapéu, quando o têm. Se trazem as suas armas, zagaias ou arcos, pousam-nas no chão, para saudar. Outros ainda rapam com os pés no chão, fazendo em seguida uma mesura, como no distrito de Quelimane.

Há entre os *lomus* um costume muito singular: quando um indígena visita outro e fica

(1) Imitação da flauta de Pau ou gaita de capador ou amolador, que ainda hoje se ouve nas nossas províncias.

(2) *The life of a South African Tribe*, de H. A. Junod.